

*Eixo Temático 12 - Educação em Sexualidade e Desenvolvimento Humano:
Pesquisas, Teorias e Práticas*

**OS DESAFIOS AO TRABALHAR EDUCAÇÃO SEXUAL EM SALA DE AULA POR
DOCENTES DE CIÊNCIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Odenilza Silva Garcia ¹
Priscyla Cristinny Santiago da Luz ²

RESUMO

O presente artigo objetivou investigar os desafios que os docentes de Ciências Naturais encontram ao ensinar sobre Educação Sexual em escolas públicas do município de Moju-PA. Essa pesquisa é de cunho qualitativa, descritiva e foi realizada mediante as técnicas de documentação direta extensiva e entrevista semiestruturada. Os dados obtidos revelam que a Educação sexual realizada nessas escolas foca na visão biológica, abandonando os outros aspectos que envolvem a sexualidade, tal como o social, cultural e político. Além disso, a educação sexual familiar, a timidez dos adolescentes e a falta de formação continuada nessa área, são alguns dos desafios que ainda envolvem esse tema.

Palavras-chave: Sexualidade; Educação Sexual; Escola.

Introdução

A Educação sexual é um tema amplamente discutido no meio acadêmico devido sua relevância, aplicação no âmbito escolar e os entraves que a rodeiam. No entanto, ainda que seu valor seja inegável para uma vida salutar, a temática é cercada por preconceitos, tabus e conceitos distorcidos que visam minar sua importância. Nessa perspectiva, inicialmente buscase compreender o eixo central do educar sexualmente, ou seja, a sexualidade.

Quanto a sexualidade humana, Maia e Ribeiro (2011) afirmam ser composta por componentes biológicos, psicológicos e sociais e se expressa de forma única em cada ser humano, em sua subjetividade, e de forma coletiva, em padrões sociais, que são aprendidos e assimilados durante a socialização. Pontuando esse conceito, Louro (2000, p. 8) reforça que “a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas social e política”.

¹ Pós-graduada do curso de Especialização em Teorias e Metodologias de Ensino para a Educação Básica. Universidade do Estado do Pará – UEPA, odenilizasg@gmail.com;

² Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMG priscylaluz@gmail.com.

Na Educação Brasileira o tema Sexualidade foi inserido, pela primeira vez em Documentos Curriculares Nacionais no ano de 1998, constituindo assim, um marco histórico no avanço desse debate. Tais documentos, são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), fazendo parte de forma transversal do Caderno de Orientação Sexual e aparece inclusa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pontuado na Unidade temática Vida e Evolução, sendo um objetivo de conhecimento específico da disciplina de Ciências do 8º ano do Ensino Fundamental, neste último, limitando-a apenas a dimensão biológica e reprodutiva, enquanto que, os PCN's abrangiam essas e as demais dimensões da sexualidade.

Na importância de fomentar discussões e pesquisas sobre este tema, delimitou-se preferencialmente como público-alvo, docentes de Ciências da zona urbana do município de Moju-PA, devido o assunto estar diretamente ligado a sua grade curricular, logo, faz-se necessário conhecer e compreender as dificuldades e estratégias para a realização desse diálogo nas escolas em que lecionam. Baseado no exposto, esta pesquisa norteia-se pela seguinte questão: Quais desafios os docentes de Ciências Naturais encontram ao trabalhar a Educação Sexual com alunos do ensino fundamental dos anos finais de escolas públicas do município de Moju- PA?

Metodologia

A presente pesquisa é de cunho qualitativa, do tipo descritiva e foi realizada mediante a exploração de material já elaborado como livros e artigos científicos, por exemplo. Os quais tem a finalidade segundo Gil (2010), de nortear a pesquisa e levantar outros questionamentos acerca da temática investigada.

Para os sujeitos da pesquisa foram selecionados sete Docentes de Ciências que estavam atuando no 8º ano do Ensino Fundamental da rede pública do município de Moju-Pa. Os dados foram coletados no mês de novembro de 2019 e nos meses de janeiro e fevereiro de 2021. Cabe ressaltar que a pausa do ano de 2020, deu-se devido a pandemia do covid-19. Nesse período as escolas permaneceram fechadas e a população em isolamento social para a contenção da transmissão do vírus.

Como instrumento de coleta de dados foram utilizadas as técnicas de documentação direta extensiva (questionário) e fez-se uma entrevista semiestruturada com cada docente, a qual foi gravada e, posteriormente, transcrita na íntegra. Para o tratamento dos dados utilizou-se a técnica da análise de conteúdo de Bardin (2011), a qual designa ser um conjunto de técnicas

de análise das comunicações visando a obtenção, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitirão a conclusão de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Resultados e Discussão

Com a obtenção dos dados, foram geradas quatro categorias temáticas do estudo, tais categorias são: 1. Perfil dos docentes; 2. Valorização da temática no contexto escolar; 3. Metodologias e temas aplicados nas práticas que envolvem a Educação Sexual e 4. Dificuldades e limitações enfrentadas pelos docentes ao tratar sobre a sexualidade. Os nomes dos/as sujeitos/as são fictícios e tais siglas se inspiram na palavra docente, por isso: D1, D2, D3, D4, D5, D6 e D7. Então finalmente, foi realizada a compreensão e a interpretação dos dados de acordo com a literatura.

Perfil dos docentes

Quanto a formação e a atuação docente ambas são condizentes com a área que atuam, ou seja, Ciências Naturais. No fragmento a seguir, pontua-se a relação do conhecimento na temática por ser da área citada a cima: “(...) eu tenho um pouco de conhecimento na área de educação sexual porque sou professor de Ciências do ensino fundamental (...)” (D4). Considerando que a Sexualidade não é tema exclusivo de uma disciplina, nota-se que ainda é responsabilidade do professor de ciências dedicar-se ao educar sexualmente. No entanto, indaga-se: não há manifestação da sexualidade dentro de todo o espaço escolar? Dos banheiros as salas de aula? Das disciplinas de arte as de matemática?

Destaco que os sujeitos da pesquisa, em sua maioria, são do sexo masculino. Essa discrepância visível na área das ciências, possibilita a compreensão de que ainda que as mulheres tenham avançado em ocupar espaços que são seus por direito, a desigualdade de gênero é perceptível, com destaque na área científica, como revela a pesquisa. E como a poio, a própria BNCC, excluiu o termo gênero e articulou a sexualidade apenas à dimensão da saúde, prevendo a não discussão em sala de aula de dimensões das temáticas, além de importantes, imprescindíveis para discentes e docentes diante da realidade que já foi citada acima.

Faço necessário pontuar a importância de ter um espaço com equidade ou diversidade de gênero, para discutir temáticas como Sexualidade, não somente proporciona um olhar diferenciado do habitual, como também possibilita aos discentes buscarem àqueles/as a quem mais se sentem confortáveis para sanar suas dúvidas, viabilizando ainda, a representatividade para alunas de que carreiras científicas podem e devem ser seguidas por mulheres.

Valorização da temática no contexto escolar

Sobre a valorização da temática sexualidade, é imprescindível compreender que ao orientar as/os adolescentes, essa ação contribui para uma boa qualidade de vida. Pois estando em posse de informações e esclarecimentos, estes sentem-se mais seguros e menos inquietos e desorientados quanto ao tema. Assim podemos perceber nas afirmações a seguir: “É sempre importante o diálogo com os alunos para que as dúvidas deles não cause problemas futuramente(...)” (D2) e “(...) trabalhar educação sexual é você quebrar paradigmas, trabalhar educação sexual é fazer com que o aluno possa perder a vergonha, o medo de falar(...)” (D4).

Os sujeitos da pesquisa reconhecem a importância de estabelecer um diálogo com as/os discentes sobre o tema. Porém, enfatizam que para estabelecer esse diálogo, ainda há entraves, devido à dificuldade dos alunos de se expressarem, seja por vergonha ou medo. Evidenciando o quanto o tema ainda é considerado um tabu. Nesse sentido, a profissão docente exige um repertório de saberes que tem uma relação com a contemporaneidade e múltiplas fontes de informação. E é exatamente isso que permite enfrentar novos desafios e percorrer novos espaços para educar (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011).

Metodologias e Temas aplicados nas práticas que envolvem a Educação Sexual

Por unanimidade os docentes ressaltam que nas escolas em que atuam não há projetos em desenvolvimento sobre educação sexual e que não houve antes de começarem a atuar nas mesmas, sobre esse tópico, afirmam: “Não, no momento não tenho nenhum projeto, a gente trabalha só em sala de aula, com todos em sala de aula mesmo, do programa né, do conteúdo programático do ensino fundamental, né?” (D1), “A gente trabalha mais a matriz dos conteúdos que pedem” (D7) e “(...) nós trabalhamos na verdade com o aluno é o que a grade curricular da BNCC exigiu da gente esse ano” (D3).

É imprescindível ressaltar que o aspecto biológico, tem sua gama de importância e que em nenhum momento, pretende-se dissociá-la disso, como é destacado nos excertos seguintes: “(...) é um ponto muito relevante essa questão da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis(...)” (D1) e “(...) prevenção da gravidez na adolescência, na escola tivemos 4 casos de alunas grávidas” (D5).

Vale ressaltar, que segundo Barbosa *et al.*, (2019), para um ensino de ciências interdisciplinar não podemos permanecer com uma educação sexual restrita apenas às questões biológicas, mas que possa ir além das temáticas preventivas como saúde sexual e reprodutiva, promovendo discussões que incluam os relacionamentos sociais, a cidadania e os direitos humanos, incluindo o respeito à diversidade sexual.

Sobre as metodologias utilizadas para o desenvolvimento da educação sexual no espaço escolar, verificou-se que mesmo sem um trabalho próprio na escola voltado para esse fim. Os docentes, pontuam o conhecimento prévio do aluno como ponto de partida, culminando com a contextualização em suas aulas, como observamos nos excertos a seguir: “(...)eu nunca preparo uma aula fechada para trabalhar educação sexual, eu tento instigar, eu tento fazer com o que o aluno pergunte, eu abordo os pontos dentro do assunto e tento fazer com que o aluno saia daquele seu, dessa inércia(...)nas minhas aulas eu tento partir sim, com as palavras que são faladas no linguajar deles, aquelas palavras simples, duras, retas” (D4), “(...) eu busco saber muito o que eles sabem, o que eles têm pra me informar, né, eu procuro um debate antes de começar a aula, eu abro um debate com eles” (D3) e “(...) quando eu trabalhei esse tema, eu coloquei uma caixinha de dúvidas (...)” (D6).

Não há uma receita pronta e acaba para o desenvolvimento da educação sexual, porém, tem significativa relevância a maneira como os docentes intermediam a construção desse conhecimento com os adolescentes. Dito isso, segundo os entrevistados, o conhecimento prévio do aluno é levado em consideração, sendo ponto de partida para dar início aos debates. Assim como, a caixinha da dúvida também funciona a partir das dúvidas dos alunos, permitindo o anonimato dos mesmos. A contextualização, o conhecimento prévio e o anonimato, facilitam com que os adolescentes percam o medo de dialogar sobre esse assunto, podendo expressar assim, suas inúmeras dúvidas.

Dificuldades e Limitações enfrentadas pelos Docentes ao tratar sobre a Sexualidade

A educação sexual provinda dos lares gera uma grande inquietação aos docentes. As críticas se concentram na falta dessa educação, o que se pode ressaltar, que ainda que não aconteça uma educação para a sexualidade de forma explícita, essa ausência, também constitui um tipo de educação silenciosa que direciona o adolescente a entender que tal temática é indevida ou inapropriada, ou propriamente dita um tabu, e por isso, não deve ser abordado no ambiente familiar.

Tais críticas podemos notar nos seguintes excertos: “(...) o jovem eles vêm sem nenhuma informação de casa, né (...) a família também tem que participar principalmente nessa orientação nessa parte de educação sexual das crianças e dos jovens (...)” (D1) e “(...) muitas famílias ainda é, tem esse tabu de se debater, é, esse tema com as crianças (...) antigamente meu pai e a minha mãe falavam de, de modo de “saliente”, que na verdade não é, de modo informativo” (D3) e “[...] é um assunto que ainda é um tabu, os alunos não tem, é, um diálogo aberto dentro da família [...]” (D2).

Os inúmeros efeitos que a ausência ou omissão da família e/ ou escola pode produzir aos alunos, são os prejuízos para a qualidade de vida dos adolescentes como: medo, vergonha, esvaziamento, insegurança, infelicidade, tédio, frustração, gravidez na adolescência, contaminações por doenças sexualmente transmissíveis entre outros (GONÇALVES *et al.*, 2013).

Considerações finais

Ao finalizar este artigo, retomo e reforço a importância da Educação Sexual para os/as envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Pois, os dados obtidos na pesquisa revelam que a família ainda trata o assunto como um tabu, negando informações necessárias para uma primeira educação sexual dos adolescentes. Nesse sentido, enfatizo que embora a Educação Sexual não tenha seu reconhecimento como essencial para uma boa qualidade de vida e que por vezes seja vista de forma distorcida pela sociedade, seu valor continua e é indiscutível na formação educativa.

Destaco que mesmo com a falta de formação voltada para essa temática, desde a formação básica até a continuada, os/a docentes de ciências desejam e se empenham a seu modo a levar orientações aos/as adolescentes. Porém, ainda presos somente aos conteúdos da grade curricular, o que revela ser insuficiente dado a amplitude em que temática se constitui. Nesse

sentido, indico aos docentes estudos sobre a abordagem política ou emancipatória a qual direciona-se ao educar efetivamente para a sexualidade e não somente orientar.

Por fim, ressalto que o fomento dessas discussões é de acentuada relevância dentro e fora do meio acadêmico, para a formação de cidadãos críticos e reflexivos acerca do autoconhecimento, uma vida mais saudável e o respeito para com outro. Sua urgência é tão necessária ao ponto que possa abranger dentro do espaço escolar diversos aspectos que englobem a sexualidade, construindo entre docente e discente, um conhecimento que permita temas tão importantes como gênero e diversidade sexual, para não ficarem ocultos nesse debate, como foi percebido na pesquisa.

Referências

BARBOSA, Luciana Uchôa; VIÇOSA, Cátia Silene Carrazoni Lopes; FOLMER, Vanderlei. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, nº. 10, p. e772, 8 jul. 2019.

BARCELOS, Nora Ney Santos; JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, vol. 10, nº. 2, p. 334-345, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual no Brasil: Estado da Arte de 1980 a 1993. 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação Sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **HOLOS**, Ano 29, vol. 5, p. 251-263, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). O corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, p 7-34, 2000.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação Sexual: Princípios para a ação. **Doxa**, v.15, n.1, 2011.

MOREIRA, Betina Loitzenbauer da Rocha; FOLMER, Vanderlei. Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola. **Experiências em Ensino de Ciências**. v.10, nº. 2. Uruguaiana, RS, 2015.

RIBEIRO, Marcos. **Educação Sexual e Metodologia** Além da informação. São Paulo: EPU, 1990.